

O FENÔMENO DA INUNDAÇÃO NA AMAZÔNIA

RAIMUNDO MORAES

A Amazônia brasileira tem fornecido muitos argumentos para os que se dedicam à literatura; por isso mesmo, Alberto Rangel, Raimundo Moraes, Euclides da Cunha, Gastão Cruls, Ferreira de Castro e tantos outros escreveram páginas realmente admiráveis, que bem merecem ser utilizadas pelos geógrafos.

O que se vai ler retrata, com fidelidade, o fenômeno que, ainda no corrente ano, se registrou naquela vasta região brasileira.

Quando o Verão abrasador está findando no Baixo Amazonas, no mês de outubro, o céu, das bandas do levante, barra-se de escuro no horizonte, e as nuvens cor de chumbo, plúmbeas, negras, marchando de leste para oeste, das planuras azues do Atlântico para as serranias alvinitentes dos Andes, passam subindo sobre a bacia. Vingam a região pastoril interferida pela fóz do Xingú e a cidade de Parintins, transpõem as lindes políticas das fronteiras que extremam Mato Grosso com a Bolívia, o Amazonas com a Colômbia, o Perú, o Equadór, a Venezuela, e continuam a voar, rumo ao poente, em grandes cúmulos violáceos e pretos, como azas de condôres gigantescos. Acompanham-nas, renteando a terra, balisando a trajetória, os ventos que assobiam, úivam, levantam-se em trombas de areia, rastejam em trovoadas secas, abrem-se em remoinhos, destêlham casas, metem embarcações a pique, esfarelam a frança dos cedros e quebram a ramagem das sumatunciras.

Dias e dias, antes que role do firmamento a primeira gôta d'água, manifesta-se êsse fenômeno meteorológico, que precede as cheias. Pela manhã, no quadrante do nordeste, pela tarde, no quadrante do sudeste, registrando a refração da luz nas nuvens, destaca-se o arco-iris, ponte luminosa e encantada, que liga no espaço o sistema planetário e projeta, na menina dos nossos olhos, as sete côres do espectro solar. Impêlidas pelos aliseos, continuam vogando as nuvens até que se chocam com as baixas temperaturas dos picos andinos, blindados de gelo, encapotados de neve, forrados de bruma. Condensam-se e precipitam-se em chuvas leves, finas, refrangentes primeiro; mal ensopando o solo, para depois-se despenharem pesadas, grossas, densas, em cataratas que alagam as

rechãs, fazendo de cada dobra do chão, de cada sulco de pedra, de cada rêgo de encosta, o leito íngreme dum riacho. Volvem então, já líquidas, manadeiros abaixo, saturadas de sães, de minérios, de vegetais, ricas, em suma, do "humus" fertilizador da terra. E, à proporção que o fundo do vale, pelo contato refrigerante da água nova e fluente, vai perdendo as ardentias solares, as chuvas recuam do ocidente para o oriente. É que a atmosfera, retemperada, já condensa os vapores no céu da planície. Principia a enchente.

Os repiquêtes, nome regional das enxurradas, começam a surgir. A corrente, que até aí não ia além de uma, duas milhas no máximo, à falta de compressão exercida no montante, aumenta a velocidade para três, quatro, cinco e seis milhas. De transparente que era, sem sedimentos, deixando vêr em alguns lugares o leito do rio, perturba-se, carrega-se de argilas vermelhas, amarelas, azues, brancas, cinzentas, enche-se de resíduos, e o seu tom claro e esverdeado transmuda-se num tom pardo e barrento. E flúi rapidamente, lambendo, roendo, solapando as ravinas, deslocando os barrancos, cavando as enseadas, arrastando, enfim, na vertigem destruidora da sua fugida, plantações e animais, casas e florestas.

Do colo do rio silencioso, de bordas escavadas como parapetos de abismos, começa então a subir a voz confusa e soturna dos elementos que se chocam, no atrito caótico da torrente movediça contra a parede a pino das calhas, contra os ressaltos multiformes do álveo, contra as lajes perdidas no "canyon", contra os *torrões* de tabatinga deslocados das margens, contra as tronqueiras tombadas da selva. Geram-se rebôjos e caldeirões. O ruído marulhante continua aumentando à medida que a velocidade aumenta também. A força dinâmica ataca a força estática; a água esborôa a terra. Ouve-se, no fragôr da luta, o baquear das ribanceiras, despenhadas e diluídas na voragem flúvia. A orla côncava se aprofunda e diminui, enquanto a orla convexa se espraia e cresce.

O fio da corrente, marcando a linha do canal de escórias, de ciscos, de detritos, que descem à tona, lembra uma serpente interminável. Em cada fim de curva atravessa para o outro lado, como se uma inteligência perturbada modelasse aquêle itinerário aflito, monótono de tanto movimento. Súbito, o caudal precipita-se em catadupa do degrau de uma cachoeira, fiada rochosa transversal, de queda viva, e abre-se num lençol alvinitente, irisado de luz, a morrer na franja de espumas que fervem lá em baixo. Noutra catarata, em virtude das ilhotas nascidas sôbre o travessão de granito, a água reparte-se e jorra de múltiplas angusturas, recordando gárgula de catedrais ciclópicas. Mais abaixo, no seio duma enseada cortada a prumo, rompe a ribanceira, abate o arvorêdo ralo que já deixava descortinar a outra banda de mesma artéria,

apenas separada por algumas braças de solo aluviônico, enfia-se por aquêlê varadouro, escava, alarga e desobstrúi o novo traçado. Foi uma península que ela seccionou, pelo ístmo, para evitar o curso demorado da volta. O grande anel amputado na violenta operação hidrográfrica, conhecido pelo nome de *sacado*, muda-se imediatamente em lago. Os "gaiolas" adotam para derrota o curso esboçado, devido não somente ao menor trajeto, como também aos baixios que se formam na entrada e saída do velho itinerário, onde o sedimento em suspensão, ao refluir das águas que cruzam as antigas embocaduras, senta, entope-lhes as vias com alto paredão de areia e encarcera naquêlê círculo fluvial e imprevisto a fauna nadadora.

Ao transformar completamente êste lance potamográfico, a torrente não se detém, rola sempre, saltando, furando, alterando, inundando. Dir-se-iam as páginas das "Metamorfoses", viradas na Amazônia sob o éco remoto e pagão dos cantos de Ovídio. As águas dos lagos que corriam de dentro para fóra, alimentando as artérias fluviais e mantendo-lhes o nível mínimo com as suas reservas, começam a correr de fóra para dentro, na armazenagem dos líquidos propícios à futura sêca, como se uma engenharia de titãs, abrindo e fechando comportas de tanques imensos, regulasse a hidrografia dessas paragens. Os peixes, os jacarés, os ofídios, os quelônios, os cetáceos que tinham, na previsão instintiva da vazante, saído da zona lacustre para o talvégue dos rios, retornam céleres com o vize das correntes, em busca dessas fartas regiões. As marrecas, prestes a perder a última pena com a alta temperatura das águas razas do interior, emplumam-se. Toda a fauna pernalta, palmípide, nadadora, da garça heráldica ao guará róseo, do mergulhão assustadiço à colhereira pesada, do socó filosófico ao pato arisco, da jaçaná colorida ao maçarico saltitante, do marrecão vigilante ao maguari meditativo, ao entrar da *água branca*, frêscã, cheia de embriões, de células, de insetos, de minhocas, de embuás, de aranhas, arrancados aos taludes e desagregados das margens — volve, de olho atento e bico em riste, aos litorais das lagôas, na caça ao alimento apetecido. Fóra, no Amazonas, as gaivotas gramnam nas praias e nos bancos em defesa dos filhos.

Mas a invernía aperta. As chuvas torrenciais desabam acompanhadas de relâmpagos que iluminam o cariz do céu e de trovões que abalam a própria terra. O ar electrizado e negro, retalhado de faíscas, vomita estampidos medonhos na fuligem do ambiente. Sôbre a lança do páu de "jack" dos navios, quando esta é de ferro, brilha o fogo santelmo, azul e fosforescente, semelhante a uma estrêla que rolasse da amplidão com o estrondo da tempestade. Nas margens, a se estorcer e a estalar no entre-choque dos galhos e dos ramos, a floresta farfalha debatendo-se na fúria desencadeada

dos ventos. As árvores inclinam-se, arqueiam-se, perdem as copas, quando não é o raio, numa linha quebrada e incandescente, que as fulmina, lascando-as em duas, de alto a baixo. A natureza enfurecida urra sinistramente, apavorando animais e homens. A água, todavia, continua a subir. Vai engulindo as faixas post-quadernárias, as várzeas e os tésos das campinas onde pastam os rebanhos.

Os habitantes alarmam-se. Têm o pressentimento funesto de que a cheia, ao contrário das cheias normais, traga a inundação destruidora de muitas épocas memoráveis. A fim de atenuar a desgraça, armam-se as *marombas* para o gado, largos jirásus de achas grossas e resistentes, sobre os quais a manada sobe e espera a estiada.

Ao largo, no fio crêspo da corrente, descem de búbia, rumo à fóz, os troncos de páus povoados de aves, as ilhas flutuantes de canarana agasalhando cobras, as canôas arrancadas aos portos, as bolas de borracha arrebatadas aos terreiros e as sementes vegetais das cordilheiras, que fazem, numa transplantação de selvas opostas, a flora do estuário, em alagadiços, ter semelhanças com a flora das nascentes, nos altiplanos, demonstrando, assim, que as correntes das secções superiores dos rios, escavam; as intermédias transportam; e as inferiores depositam.

Entretanto, a expectativa da inundação, que não passava de um pressentimento, corporifica-se. O fenómeno decorre de simples coincidência meteorológica entre a Planície Amazônica e o espinhaço do continente americano. No mês de fevereiro, o Sol, marchando para o hemisfério norte, provoca o degelo nos Andes peruanos e bolivianos. Se o rigôr das chuvas, no vale, não se antecede para janeiro e fevereiro e se alonga até março, quando chegam na bacia as neves fundidas nas cordilheiras, dá-se a coincidência. As grossas quedas pluviais, juntas ao formidável lençol degelado, avolumam oceanicamente a massa líquida do aranhô hidrográfico, resultando a inundação. E incontidas transbordam, invadem as campinas e florestas, subindo pelo caule das árvores e pela parede das habitações. À flôr d'água só aparecem as alcatifas de verdura, as colinas e os platôs que emolduram ao fundo, pelo norte e pelo sul, o anfiteatro do vale.

É o dilúvio! As *marombas* foram atingidas. Com as pernas mergulhadas semanas e semanas consecutivas, com os cascos descolados e o couro rachado, cáem mortos os bezêrros e as vitelas, as novilhas e os garrotes. Os fazendeiros e agregados, que se acham nas imediações, com as bagagens embarcadas em canôas e batelões, esperançados de que o desastre não fôsse tamanho, mudam-se temporariamente para os *firmes* longínquos e transportam, nas suas pequenas arcas de Noé, as rézes que escapam. De duas,

três mil cabeças restam duzentas, trezentas. Quem tinha vinte, trinta, fica reduzido a cinco, seis. É a miséria!

Nessa altura, desenha-se a vazante. Abrolham plásticos, moles e fecundos, os primeiros travessões do solo. Os retirantes retornam para a várzea. Ressurge a fé no coração de todos. Ninguém se queixa, não há uma voz que se levante, nem um braço que se estenda. O sacrifício é accito com o fatalismo panteísta do caboclo. "Foi a vontade de Deus!"

Os brasileiros do sul ignoram completamente as cenas terríveis e emocionantes do vasto palco amazônico. Desconhecem a epopéia muda destes dramas heroicos, a dor silenciosa dos seus irmãos do norte, sem um soluço, sem um gemido, sem um grito. Não finda, porém, aqui a odisséia. Com a superfície a emergir, numa eclosão genesiaca, contaminada de detritos, misturada de folhas, de ramos, de galhos, de raízes, de cascas, de animais em decomposição, exposta à luz meridiana, a terra fermenta, apodrece, e as exalações mefíticas trazem, mais que nas vazantes regulares, as febres palustres. As doenças, todavia, por um paradoxo da natureza exuberante e contraditória, repontam aliadas à renascença, e, na volta de três meses, exceção dos rebanhos, tudo se reconstituiu. A barraca esburacada pela água é recomposta, o curral e o galinheiro concertados. Planta-se a mandioca, o milho, o cará, o feijão, a banana, a melancia, o tomate, e, daí a tempos, florindo e frutificando como numa festa de Céres, a abundância se estende sobre a terra. As vaquinhas que escaparam já têm crias, a malária desapareceu, os lagos estão coalhados de peixe, e os tabuleiros cobertos de tartarugas. A inundação não foi mais que um pesadelo horrível.

(Transcrito de *Na Planície Amazônica*, 4.^a edição, vol. 63 da coleção "Brasiliana", Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1936 — págs. 95 a 104).